

O CONTO COMO GÊNERO LITERÁRIO ÁRABE E A ARTE DA TRADUÇÃO: UM NÚMERO ESPECIAL DEDICADO À VERSÃO DE CONTOS ÁRABES AO PORTUGUÊS

O décimo sexto número da Malala – Revista Internacional de Estudos sobre Oriente Médio e Mundo Muçulmano, intitulado “O conto árabe ontem e hoje: trajetórias literárias”, é lançado em meio a um turbulento cenário geopolítico no Oriente Médio. A guerra contra Gaza aproxima-se de seu aniversário de dois anos e novos fronts de guerra foram abertos contra o Líbano e contra o Irã. Como de costume, um número particularmente voltado à conjuntura será publicado em finais de 2025. Em meio à escalada do conflito, a Revista Malala lança sua 16ª edição voltada especialmente à produção literária árabe e particularmente às suas traduções inéditas ao português.

Como o leitor poderá conferir, embora este número especial seja literário e, em boa medida, desconectado temporalmente dos acontecimentos recentes, os contos traduzidos estão inseridos em contextos históricos específicos, com respeito aos quais os tradutores fazem questão de localizar o leitor. Ademais, como aponta a historiografia da literatura árabe, as formas e linguagem assumidas pelos contos e suas inovações estilísticas, mesmo quando desconectadas de temáticas propriamente políticas, são reflexos justamente das importantes mudanças políticas ocorridas em seus contextos particulares. Uma apreciação atenta poderá notar que, por vezes, semelhanças e proximidades podem ser observadas com conjunturas contemporâneas – inclusive em direção a um maior subjetivismo. Ademais, os contos também nos transportam para realidades diárias de personagens politicamente insignificantes mas cujos dilemas, temas e diálogos ecoam realidades e angústias transatlânticas.

Abrindo o número, apresentamos uma entrevista inédita com **Safa Jubran** (Universidade de São Paulo) conduzida por Natália Calfat (editora executiva da Revista Malala) na qual discutem os desafios da tradução no Brasil – as negociações, limitações e escolhas envolvidas –, a versatilidade da tradução bidirecional, o mercado editorial para as produções árabes e o ambiente acadêmico formador das novas gerações. Na conversa a professora destaca como o Brasil vive um importante momento na história da tradução do árabe para o português, além de explorar como a suposta invisibilidade do tradutor carrega consigo uma dinâmica de investigação profunda e imbricação com o próprio autor e com o processo de autoria, por vezes revelando especificidades e descobertas sobre o original até então desconhecidas. O leitor poderá ter acesso privilegiado aos dilemas que se apresentam frente aos tradutores através da leitura dos artigos que se seguirão, que em maior e menor medida incluíram os desafios e dubiedades com os quais tiveram que lidar na tradução dos contos em questão. Etapa essa que, em traduções publicadas, invisibiliza-se.

A publicação também conta com um artigo de **Felipe Benjamin Francisco** e **Jemima de Sousa Alves** que investiga a trajetória do conto árabe moderno, indo da tradição oral à sua consolidação como gênero literário autônomo no século XX, além de estabelecer paralelos com a cena literária brasileira e de exemplificar suas preocupações e desafios por meio dos dez artigos inéditos que se seguem.

O primeiro conto a ser traduzido de maneira inédita por **Alexandre Facuri Chareti** é “Um homem que não merece Sherine” de Ahmad Khalid Tawfiq do livro “Uma mente sem corpo” (2008), um conto da vida privada e cotidiana que mescla ironia e pitadas de conhecimento científico. **Beatriz Negreiros Gemignani** apresenta a realidade distópica e absurda de Ahmed Saadawi para retratar a Bagdá tomada por conflitos sectários no angustiante “O rosto nu dentro do sonho” (2007), onde sonho e realidade se mesclam colocando em disputa o que é real. “Como você chama?” do egípcio Bahaa Taher, é traduzido por **Ester Macedo dos Santos**, exemplificando os dilemas tradutórios num conto dialetal que expõe a simplicidade, comicidade e riqueza das coisas comuns e ordinárias do cotidiano. **Felipe B. Francisco** apresenta a tradução de “Esqueletos” (1978) de Mohamed Zafzaf, conto que remete aos chamados “anos de chumbo” no Marrocos. O período de repressão é também de efervescência cultural, literária e intelectual, e o conto abandona as temáticas nacionalistas até então predominantes para incorporar questões sociais, existenciais e morais modernas ligadas à libertação através de recursos narrativos fantasiosos.

Em “Rompendo o estereótipo da mulher árabe em ‘Pequenas Coisas’, de Samira Azzam”, **Isabela Alves Pereira** apresenta as intersecções entre literatura palestina de exílio e literatura feminista neste conto de 1954 – e entre o empoderamento feminino, os ditames tradicionais e o desejo do primeiro amor pela protagonista.

Jemima Alves explora as ressonâncias do microconto sobre as formas narrativas árabes tradicionais, que passam a assumir uma identidade híbrida e transnacional. Através da subjetividade nos quatro micro ou nanocontos de Abdullah Nasser (2016 e 2019), Alves evidencia as aproximações estéticas e temáticas entre o saudita e o brasileiro Dalton Trevisan. **Laura Faria Porto Borges** apresenta um conto da argelina Asia Ali Musa que também rompe com o universo literário tradicional árabe. Fazendo referência a Tennessee Williams, “Iguana... o lagarto” (2011) mescla metáforas, poesia e ambiguidades surrealistas para explorar a complexa experiência humana, sua dualidade/estranhamento e o devir feminino. **Maria Carolina Gonçalves** apresenta a tradução de “Eu vi as tamareiras” (2019[1989]), da egípcia Radwa Ashour. O conto remete a temáticas como pertencimento, memórias, identidade e ancestralidade. Símbolos árabes e palestinos como o cactus fazem referência metafórica à resiliência, e a tamareira à relação com a terra e às raízes. A conexão entre passado e presente é tensionada, contudo, através dos sonhos bucólicos, da exclusão e da presença da seca, remetendo tanto à perda do pertencimento à terra quanto ao afastamento nas relações interpessoais.

■ apresentação

Matheus Menezes apresenta a tradução de “O estranho” (1923), da engajada figura libanesa Salma Sayegh. Inserido sob a *Nahda* (despertar ou renovação do pensamento e das artes árabes) o conto dialoga de forma precoce com o papel da mulher árabe numa sociedade que pressionava por reformas e sob intensas mudanças políticas. Com viés poético e experimental, Sayegh questiona a instituição do casamento e o universo feminino. Encerrando o número, **Thariq Osman** com “As faces ocultas em Laila e o Lobo, de Emily Nasrallah” (1998), explora como a autora faz uso de metáforas e simbolismos para explorar o universo feminino e a repressão. A adaptação da parábola igualmente dialoga com a guerra civil libanesa e os dilemas identitários e ideológicos do pós-guerra – acompanhando a fase do romance experimental libanês.

Boa leitura!

Natalia Calfat

Editora executiva da Revista Malala



Artigo licenciado sob Licença Creative Commons (CC-BY-NC-SA)
<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>